

# Pablo Neruda – A cidade

A SOMBRA deste monte protetor, propício,  
como manta indiana aérea e rural me cobre:  
bebo azul do céu por meus olhos sem vício  
como um terneiro mama o leite em tetas nobres.

Ao pé da colina a cidade deita e eu sinto,  
sem querer, sempre a rodar os tranways urbanos:  
a igreja se eleva para cravar o vento,  
mas vagabundo foge em mãos e desenganos.

Cidade, és triste e cinza. Tens as ruas largas,  
e um odor de armazém por tuas ruas passeia.  
Encontro as águas dos teus poços mais amargas.  
As almas de teus homens me parecem feias.

Não sabem a beleza da fonte que canta,  
nem de quem a transvasa e floresce em conceito.  
Que não vai parar nunca, a água na garganta,  
dos seus corações se vai ao verso perfeito.

Cidade, és gris e triste. Se estou só eu penso  
que a ausência parece aproximar-se de mim.  
Regresso, até o céu tem um bocejo imenso.  
Cresce em minha alma um ódio, anterior, intenso.

Aqui ela vive e fim

**Pablo Neruda, Crepusculário**